

# MAPATI, CUCURA OU UVA-DA-AMAZÔNIA: HISTÓRIA BOTÂNICA SOBRE ESPÉCIES DO GÊNERO *POUROUMA* COLETADAS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA NOS SÉCULOS XIX E XX

## MAPATI, CUCURA OR AMAZON GRAPE: BOTANICAL HISTORY ABOUT SPECIES OF THE GENRE *POUROUMA* COLLECTED IN THE BRAZILIAN AMAZON IN THE 19TH AND 20TH CENTURIES

Ari de Freitas Hidalgo - afreitash@gmail.com

Lin Chau Ming - linming2809@gmail.com

André Luiz Gaglioti

Amanda Roberta Corrado

Sérgio Romaniuc-Neto

### RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar informações sobre material botânico do gênero *Pourouma* coletados na Amazônia brasileira e depositados no herbário do Museu Nacional de História Natural de Paris, sobre espécies aparentadas do mapati (também conhecido como cucura ou uva-da-amazônia), cujo fruto é comestível e comercializado na região amazônica. Este material tem sido coletado desde o século XIX, em vários momentos históricos e representa um conjunto de informações preciosas sobre as espécies. Com base nas informações dos rótulos, foram avaliadas as espécies, procurando focar a dinâmica das viagens, os objetivos das coletas, a evolução nos registros das exsicatas e as indicações acerca do ambiente de ocorrência, do uso, objetivos das coletas e a evolução na nomenclatura e determinação dos nomes válidos, destacando somente as espécies válidas e indicando as sinonímias, quando existentes. Para o gênero, os estados com maior número de coletas são o Amazonas e o Pará. A coleta mais antiga foi feita por M. Guillemin (*Pourouma guianensis*), em 1836 e a mais recente em 1965, por G.T. Prance, também de *P. guianensis*, no Pará. Foram avaliadas 36 exsicatas de 12 espécies de *Pourouma*. O principal determinador foi Cornelis Christian Berg, e os principais coletores foram Bóris Krukoff e Richard E. Spruce. Foi analisada a evolução nos registros de informações nas exsicatas. Os resultados podem servir de subsídio ao conhecimento da flora amazônica, com ênfase no gênero *Pourouma*, no qual pertencem algumas espécies cujos frutos são consumidos na região amazônica.

**Palavras-chave:** Naturalistas; botânica histórica; *Pourouma*, jardim botânico

### ABSTRACT

This work aims to present information on botanical material of the genus *Pourouma* collected in the Brazilian Amazon and deposited in the herbarium of the National Museum of Natural History in Paris on related species of mapati (also known as cucura or uva-da-amazonia), whose fruit is edible and sold in the Amazon region. This material has been collected since the 19th century, at various historical moments and represents a set of precious information

<https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/index>

about the species. Based on the information on the labels, the species were evaluated, seeking to focus on the dynamics of travel, the objectives of the collections, the evolution in the exsiccata records and the indications regarding the environment of occurrence, use, objectives of the collections and the evolution in the nomenclature and determination of valid names, highlighting only valid species and indicating synonyms, when existing. For the genus, the states with the highest number of collections are Amazonas and Pará. The oldest collection was made by M. Guillemin (*Pourouma guianensis*), in 1836 and the most recent in 1965, by G.T. Prance. 36 exsiccates of 12 *Pourouma* species were evaluated. The main determiner was Cornelis Christian Berg, and the main collectors were Bóris Krukoff and Richard E. Spruce. The evolution of information records in the exsiccates was analyzed. The results can serve as a basis for knowledge of the Amazon flora, with an emphasis on the genus *Pourouma*, which includes some species whose fruits are consumed in the Amazon region.

**Key-words:** naturalists; botanical history, *Pourouma*, botanical garden

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Por razões diversas, a partir dos fins do século XVIII e início do século XIX, iniciou-se o período das expedições de coleta de material que pudesse representar fontes de recursos naturais nas colônias (madeira, pigmentos, especiarias, metais e pedras preciosas) que pudessem enriquecer as nações colonizadoras e sustentar seus esforços de guerra na Europa. Com este objetivo, Portugal, assim como outros países detentores de colônias em outros continentes, como a Inglaterra, a Espanha e a França, passou a utilizar cientistas, renomados ou em início de carreira, para realizar o inventário das potencialidades minerais, vegetais e animais das suas colônias, principalmente as das regiões tropicais, já conhecidas àquela época, por sua abundância e diversidade de espécies.

De acordo com Perotti (2005), a partir do século XVIII, com a necessidade de sistematizar o material coletado, preservado e/ou exposto, as grandes instituições científicas da Europa passaram a padronizar os procedimentos de coleta e preservação, assim como de registro, os quais deveriam ser seguidos pelos naturalistas e demais coletores. Ou seja, não bastava coletar animais, plantas e minerais e enviar sem registro e catalogação aos museus, mas todo o material deveria ser coletado dentro de uma lógica que permitisse o seu estudo *ex situ* e sua manutenção dentro de coleções organizadas em bases racionais.

Para isto houve a preocupação em padronizar as orientações de coleta para que estas pudessem ser seguidas pelos coletores oficiais, mas que também servissem para qualquer pessoa disposta a coletar material durante as viagens, como os comandantes de embarcações e os cirurgiões de bordo, como recomendado, por exemplo, nas instruções dadas pela Coroa portuguesa aos seus naturalistas, baseadas nas recomendações da Academia Francesa de Ciências e que serviam de base para as coletas levadas a cabo por coletores naturalistas franceses (INSTRUCÇÃO, 1819).

O domínio territorial pela Coroa Portuguesa precisava ser estabelecido firmemente, e para isso era necessário conhecer com profundidade o novo território e suas riquezas e potencialidades. Desta forma foi necessário investir para fortalecer as ciências e direcionar estudos biológicos de amplas porções desconhecidas do território brasileiro.

Nas missões oficiais, as viagens poderiam durar desde alguns meses até vários anos e o pesquisador estava ciente de que se tratava de uma atividade de enriquecimento de conhecimentos, mas também que poderia representar risco de vida e um longo período de adversidades – logística, de relacionamento entre os membros das equipes e entre estes e as sociedades visitadas, de transportes, necessidade de atravessar grandes, e por vezes caudalosos, rios e cachoeiras, além de problemas de saúde, confronto com indígenas inamistosos, problemas para secagem, armazenamento e envio do material coletado para as instituições localizadas nos países financiadores, todo além-mar. Estas dificuldades foram brilhantemente relatadas por Alfred Russel Wallace (WALLACE, 2004).

Além de Portugal, também a Inglaterra e a França incentivaram o envio de grandes contingentes de pessoas para colonizar e ocupar, garantindo as terras de suas posses

distantes e que eram objeto de cobiça e de atritos com outras nações. Juntamente com os militares e suas esposas, comerciantes, degredados, representantes oficiais das cortes e religiosos, nestas viagens faziam-se presentes, enviados diretamente pelas cortes ou por instituições poderosas – universidades, museus e sociedades de cientistas – também cientistas com ampla formação acadêmica, denominados como naturalistas.

Embora muitos fossem cientistas de formação, a história registra também a passagem de aventureiros e outros desbravadores, como Paul Marcoy (1875), que fizeram registros de descobertas nas terras pouco ou totalmente inexploradas, como foi o caso da Amazônia.

Naturalistas como o alemão Karl von Martius (1817-1820), os franceses Charles Marie de la Condamine (1735-1745) e Auguste de Saint-Hilaire (1816-1822), o russo Langsdorff (1824-1830), o brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira (1783- 1792), os ingleses Alfred Russel Wallace (1848 a 1852) e Henry Walter Bates (1848 a 1859), estão entre os cientistas de ofício.

No entanto, Langsdorff não conseguiu pesquisar na Amazônia, tendo retornado do Pará por motivo de doença. Saint Hilaire não esteve na região, realizando amplo trabalho principalmente na região de Minas Gerais, indo até o Paraguai. Alexandre Ferreira, Martius, Bates, Wallace, la Condamine, Spruce e Spix estiveram na Amazônia brasileira, sendo que destes, há material sobre o objeto deste trabalho apenas de Spruce e Martius, nas coleções de Paris e de Nova York.

Em geral, nos herbários são depositadas diversas amostras de uma espécie coletada por diferentes pesquisadores. Este material depositado nos herbários é denominado exsicata, o qual consta de uma amostra da planta, preferencialmente fértil, seca e disposta de forma a representar o mais fielmente possível a espécie, a qual é fixada (costurada ou colada) em uma lâmina de papel resistente, de tamanho padronizado.

A este material montado é colada uma ficha, ou rótulo, com as informações sobre a planta, seu hábito de crescimento, local de coleta, data e coletor, podendo, a depender de quem faça o registro, serem acrescentadas outras informações julgadas pertinentes. De acordo com Guerra et al. (2011) a exsicata de um material isolado contém informações limitadas; no entanto, quando reunidas as coletadas de determinado lugar, ou de determinada espécie, ou gênero, possibilita uma interpretação dos avanços e informações ao longo do tempo de significado histórico.

De acordo com The New York Botanical Garden & International Association for Plant Taxonomy (2009), o herbário de Paris - *Muséum National d'Histoire Naturelle*, fundado em 1635, é o que possui a maior coleção botânica do mundo, com cerca de 11 milhões de exsicatas.

Trabalhos de registro de informações sobre espécies brasileiras vêm sendo publicados ou republicados, como o *Voyage à travers l'Amérique du Sud de l'Océan Pacifique à l'Océan Atlantique*, de Paul Marcoy, publicado em 1869 e reeditado em 2001; os três volumes da

tradução brasileira do *Reise in Brasilien*, de Spix e Martius, (1981); os três volumes do *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, de Debret, (1985), dentre outros. Mais recentemente foi publicada nova edição traduzida do livro *Plantes usuelles des brésiliens*, de Saint-Hilaire, de 1828, por Brandão (2009).

## DESENVOLVIMENTO

O trabalho foi realizado inicialmente através de pesquisa bibliográfica junto à base de dados virtuais acerca do gênero *Pourouma* (família Urticaceae). Também foram levantadas informações sobre história das coletas botânicas e coletores, herbários e outros assuntos relacionados, além de pesquisa em bibliotecas de alguns dos principais herbários brasileiros.

As imagens analisadas neste trabalho foram obtidas diretamente na coleção do Museu Nacional de História Natural de Paris. As imagens digitalizadas foram feitas por André Gaglioti, da equipe do Prof. Sérgio Romaniuc Neto, do Instituto de Botânica de São Paulo, coordenador do projeto Re flora, e foram geradas através fotografias das exsicatas, em resolução de 300dpi, em formato JPEG, o que evita a perda de qualidade por não usar processos de compressão.

As etiquetas das exsicatas digitalizadas e fotografadas foram separadas, a partir do nome do gênero *Pourouma* (e posteriormente, das espécies), nas coletas realizadas na Amazônia brasileira a partir do século XIX; posteriormente as informações das etiquetas foram tabuladas em planilha Excel, formando uma base de dados, separados por família/gênero/espécie, constando as seguintes informações: nome científico, nomes populares, locais de coleta, datas de coleta, nomes dos coletores, características das plantas coletadas, características dos locais de coleta, uso das plantas coletadas, instituição de origem dos coletores, instituição que patrocinou as coletas, nomes dos coletores assistentes, observações feitas pelos coletores, herbários-destino das exsicatas, identificadores e classificadores das plantas.

As imagens das exsicatas foram adicionadas às planilhas através de links que permitiram sua localização imediata. Para a disponibilização da grande quantidade de imagens em alta resolução as imagens foram de 200 Mbytes, em formato TIFF, resolução de, no mínimo, 300 dpi, com tamanho de 6477x10179 pixels, a qual pode ser recuperada em formato JPEG, através de uma chamada ao servidor.

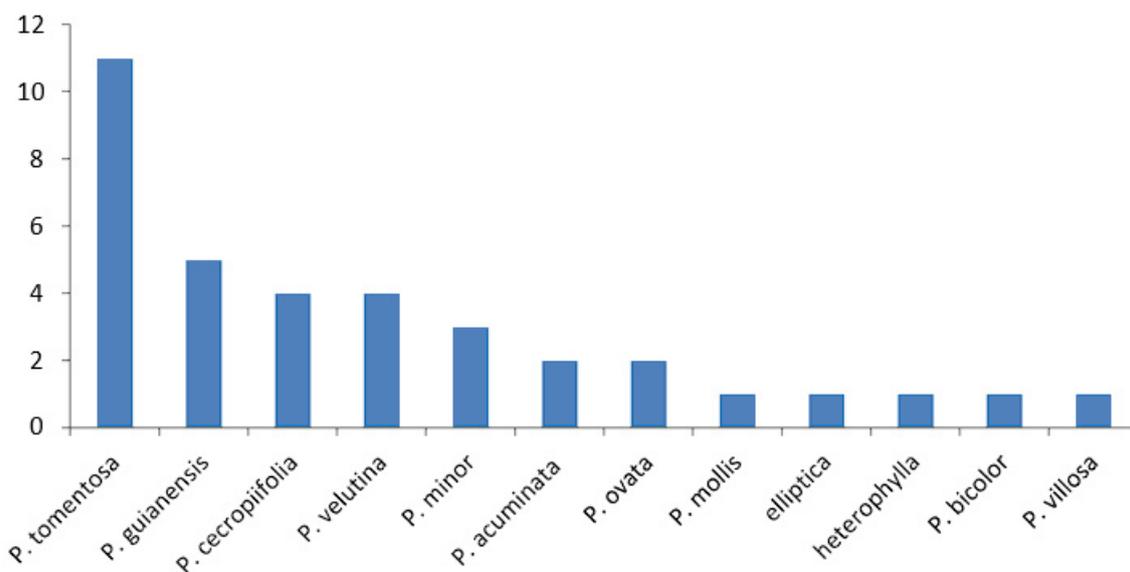
Através de filtragem com o programa Excel, foram geradas planilhas separando as informações de interesse: espécies, nomes vulgares, locais de coleta, coletores, data de coleta, determinadores e data de determinação, observações morfológicas, locais de ocorrência, informações ecológica e instituições financiadoras. A partir destas planilhas os dados foram extraídos e tabulados.

## ANÁLISE DO GÊNERO *POUROUMA* DO MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL DE PARIS

Foram analisados os rótulos das 36 exsicatas depositadas na Coleção do Museu de História Natural de Paris, representativas de 12 espécies de *Pourouma* coletadas na Amazônia, entre 1836 a 1965, um período de 129 anos.

O gênero compreende 27 espécies essencialmente americanas de áreas úmidas, das quais 20 espécies ocorrem no Brasil, concentradas principalmente na Amazônia (GAGLIOTI, 2010). As espécies depositadas em Paris são: *Pourouma acuminata* Trécul, *Pourouma bicolor* Aubl., *Pourouma cecropiifolia* Mart., *Pourouma elliptica* Mart., *Pourouma guianensis* Aubl., *Pourouma heterophylla* Miq., *Pourouma minor* Benoist, *Pourouma mollis* Trécul, *Pourouma ovata* Trécul, *Pourouma tomentosa* Miq., *Pourouma velutina* Mart., *Pourouma villosa* Mart. Ex Miq. A figura 1 apresenta as espécies de *Pourouma* do Museu de Paris e seus respectivos números de amostras.

**Figura 1.** Espécies de *Pourouma* e respectivos números de amostras com base nos rótulos de fotografias das exsicatas depositadas no Museu Nacional de História Natural de Paris. Botucatu (SP).



*P. tomentosa* é a que apresenta maior número de amostras coletadas (11 = 30,6%), seguida por *P. guianensis* (5 = 13,9%) e *P. cecropiifolia* e *P. velutina* (4 cada = 11,1%). Com exceção de *P. acuminata* e *P. cecropiifolia*, ambas coletadas por B. Krukoff, o qual foi enfático ao registrar as coletas feitas no município de São Paulo de Olivença, no Amazonas, em 1936, em *varzea land*, todas as demais espécies são descritas como tendo sido coletadas em *terra firme* (Krukoff registra nos rótulos a variação *terra firma*, possivelmente devido à dificuldade com a língua portuguesa, uma vez que tratava-se de um russo, escrevendo em inglês e registrando palavras da língua portuguesa. *P. villosa*, coletada em 1933, por B. Krukoff, no estado do Pará, não tem anotado o ambiente de ocorrência, no entanto, o coletor registra que estava localizada em *plateau between the Xingu and Tapajos rivers*, dando a entender que a espécie coletada se encontrava em ambiente de terra firme.

Como para *Cecropia* e *Coussapoa*, da mesma família, também não se pode afirmar que as espécies de *Pourouma* não ocorram em outros ambientes. Gaglioti (2010) afirma que *P. guianensis* ocorre também em várzeas e em restingas, enquanto Ribeiro et al (1999) afirmam que *P. minor*, *P. tomentosa* e *P. guianensis* podem ser encontradas em áreas de *baixio*, uma parte sempre úmida das florestas de terra firme.

- As espécies do gênero *Pourouma* são de porte arbóreo, variando entre 8,0 m e 30,5 m.

Há que se considerar que as alturas apresentadas, em geral, são aproximações obtidas através de cálculos indiretos ou medidas visuais. Algumas espécies podem ser facilmente confundidas com espécies do gênero *Cecropia*, diferindo, entre outras características, pelas folhas com lâminas não peltadas.

Nenhum coletor fez referência ao odor característico de bálsamo (ou benguê) que exala fortemente em algumas espécies, como *P. guianensis* e *P. villosa* (RIBEIRO et al, 1999).

Apenas para *P. cecropiifolia* foi anotado por Krukoff o cultivo por indígenas, sem nenhuma informação sobre seu uso. A única referência a alguma espécie de *Pourouma* comestível foi feita também para *P. cecropiifolia*, sem data e sem indicação de autoria, tendo sido anotado em português que “os seus fructos comem os naturaes” (Figura 2), possivelmente o material foi coletado por E. Ferreira, por volta de 1839, baseado na semelhança de caligrafia.

No entanto, outras espécies de *Pourouma*, *P. tomentosa* e *P. guianensis* possuem frutos que podem ser consumidos por animais e pelo homem, embora o fruto mais apreciado nas áreas de ocorrência natural seja o de *P. cecropiifolia*, o qual é conhecido como *mapati* na região do alto Solimões, e como *cucura*, no alto rio Negro. Recentemente a espécie tem sido divulgada como *uva-da-amazônia*, embora seu cultivo e consumo ainda estejam restritos quase que exclusivamente à porção norte – noroeste da Amazônia.

**Figura 2.** Exsicata original de *Pourouma cecropiifolia* sem autor e sem data definida. Ao lado detalhe da descrição no rótulo, em português. Botucatu (SP).



Devido à semelhança entre as plantas de *Cecropia* e *Pourouma*, algumas espécies do segundo gênero são conhecidas como *ambaúba* (*P. acuminata* e *P. cecropiifolia*), uma das formas antigas de nomear as atualmente conhecidas como *imbaúbas* ou *embaúbas*, de acordo com Cunha (1999), que registra 12 nomes comuns aplicados às embaúbas. É interessante observar que as duas espécies de *Pourouma* que tiveram seus nomes locais registrados, foram por Guillemin, em 1839. A outra espécie com registro de nome local é *P. tomentosa*, conhecida como *mapaty*, de acordo com as anotações de coleta de B. Krukoff, na região de São Paulo de Olivença, no alto Solimões. Nenhum registro de nome vulgar foi feito por coletores mais recentes, p. ex. Prance, que trabalhou coletando em diversos estados da região Amazônica nas décadas de 1960 a 1980.

Também coletores históricos, como Spruce (1852-53) e M. Jobert (1877- 78), que descreviam com muita brevidade suas anotações nos rótulos, não registraram os nomes locais. Mesmo para *P. guianensis*, uma espécie com ampla distribuição no Brasil, indo da Amazônia até Santa Catarina, alcançando a Colômbia, as Guianas, o Paraguai e a Argentina (GAGLIOTI, 2010) não há registro de nome vulgar.

A falta de maiores detalhamentos nas fichas ou rótulos das exsicatas mais antigas pode ser resultado do fato de as anotações serem feitas com bico de pena e mata-borrão, por vezes em condições de campo, ou após intenso dia de coleta, como registra Wallace (2004). Desta forma, possivelmente como resultado do volume elevado de coletas a processar e registrar, anotações consideradas menos importantes para o estudo das plantas foram deixadas de lado, embora hoje se considere fundamental o conhecimento das pessoas locais sobre as plantas, incluindo o conhecimento do nome popular.

Em algumas exsicatas, além do pouco detalhamento, há a dificuldade de compreender a letra do coletor (ou de quem registrou por ele) e a posição em que o rótulo é colocado, sob alguma folha ou outra parte da planta, dificulta a sua leitura e interpretação. Na figura 3 há um exemplo das afirmações acima, com o agravante de a identidade do coletor não estar registrada (ou está oculta sob o material vegetal seco).

Pode-se observar que há uma segunda ficha, com a letra e o registro de M. Guillemin, que ajuda a interpretar o material. No entanto, embora a letra original seja de difícil leitura, por semelhança de caligrafia é possível inferir que o coletor seja E. Ferreira. A espécie determinada como *Pourouma acutiflora* é sinônimo de *P. guianensis* e foi incluída na relação desta espécie.

**Figura 3.** Exsicata de *Pourouma acutiflora* (*P. guianensis*), cuja autoria de coleta é de difícil determinação e cujo rótulo está parcialmente oculto. Botucatu (SP)



A primeira exsicata de *Pourouma* da Amazônia brasileira depositada no herbário do Museu Nacional de História Natural de Paris, foi *Pourouma guianensis*, coletada por M. Guillemain em 1836, enquanto que a última exsicata depositada é também de *Pourouma guianensis*, coletada por G. T. Prance, em outubro de 1965, no estado do Pará.

A maior parte das espécies coletadas na Amazônia brasileira foi no estado do Amazonas (oito espécies) e no Pará (cinco espécies). Para o Acre foi registrada somente uma coleta de *P. cecropiifolia* (cultivada) e no Amapá foram coletadas *P. bicolor* e *P. minor* (uma de cada). Não há registros de coleta no Maranhão, Mato Grosso, Rondônia, Roraima, Amapá e Tocantins. Nos casos de Rondônia, Roraima e Amapá possivelmente o material esteja anotado como tendo sido coletado no Amazonas ou no Pará, ou ainda em Mato Grosso.

No caso de Tocantins, o material todo é anterior a 1988 e, por isso, as coletas devem estar registradas como tendo sido feitas em Goiás (que não foi incluído neste estudo por fazer parte da região Centro-Oeste). Os registros nos rótulos são imprecisos ou não apontam uma referência mais exata de localização que corrobora com esta inferência.

Vale ressaltar que a não citação de coletas no Amapá, em Rondônia, em Roraima e em Tocantins, deve-se ao fato de estes fazerem parte de outros estados no período em que foi realizada a maior parte das coletas, devendo estar registradas como coletas no Amazonas ou no Pará ou no Mato Grosso. A seguir um resumo sobre o desmembramento de áreas e criação dos novos estados, para facilitar a compreensão das citações dos locais de coleta:

- Acre: Desmembrado da Bolívia em 07 de abril de 1904, como Território Federal, passou à condição de estado em 15 de junho de 1968.
- Amapá: Separado do estado do Pará para constituir o Território Federal do Amapá, em 13 de setembro de 1943, passando à categoria de estado em 05 de outubro de 1988.

- Rondônia: Desmembrado dos estados do Amazonas e Mato Grosso, foi criado em 13 de setembro de 1946, o Território Federal do Guaporé, renomeado em 1956 como Território Federal de Rondônia, o qual passou à categoria de estado em 22 de janeiro de 1981.
- Roraima: Desmembrado do Estado do Amazonas, passou à condição de Território Federal do Rio Branco em 13 de setembro de 1943. Com a Constituição Federal de 1988, passa à condição de Estado de Roraima.
- Tocantins: Também criado pela Constituição Federal, em 05 de outubro de 1988, originou-se com o desmembramento de parte do Estado de Goiás.

A língua predominante nos rótulos é a inglesa, a qual foi usada para 10 das 12 espécies de *Pourouma*. Embora o material esteja depositado na renomada coleção parisiense, apenas duas espécies foram anotadas em francês: *P. cecropiifolia* e *P. ovata*, ambas coletadas por Guillemain no estado do Pará, sendo a primeira em 1839 e a segunda sem registro de data. No entanto, verificou-se um possível equívoco, dada a dificuldade de reconhecer quando se trata de E. Ferreira e quando se trata de Guillemain, pela imprecisão e letras de difícil compreensão, e pelo fato de o mesmo material ter dois rótulos (ver figura 3).

Registros em latim foram feitos por A. Ducke e por R. Spruce, sendo que o primeiro, sendo alemão, registrava em inglês e latim, o mesmo ocorrendo com o britânico Spruce que registrou suas coletas em latim.

O maior número dos registros em inglês pode ser explicado pelo fato de os principais coletores, Spruce e Krukoff, fazerem seus registros neste idioma, sendo o material posteriormente enviado, como depósito preferencial ou como duplicata, para a coleção de Paris. Bóris Krukoff, botânico russo e naturalizado americano e falecido em 1983, realizou a maior parte das coletas de *Pourouma* da coleção de Paris (12 exsiccatas), sendo o segundo maior coletor Richard. E. Spruce, que depositou em Paris oito exsiccatas coletadas em suas viagens à Amazônia. 35 das 36 amostras (97,2%) depositadas em Paris foram determinadas por CC Berg, das quais 33 (91,7%) foram em parceria com ECH Van Heusden.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos rótulos das exsiccatas do gênero *Pourouma*, da coleção de Paris, permitiu constatar que estas estão incompletas, faltando algumas espécies amazônicas, com base no acervo digital disponibilizado pelo Kew Garden, o qual relaciona todas as espécies válidas. Como a análise centrou-se apenas no material coletado na Amazônia brasileira, por vezes o material está depositado, mas a indicação de sua coleta foi em países limítrofes, como é o caso de coletas na fronteira amazônica da Guiana Francesa, possessão ultramarina francesa na América do Sul, a qual pode ocorrer também no Estado do Amapá, com o qual faz fronteira, ou no Estado do Pará.

Apesar de pouco representativas, principalmente a coleção francesa, dá para ter uma ligeira ideia das áreas de ocorrência, mas não se pode afirmar ou precisar como sua

área de distribuição definitiva. Houve dificuldade de interpretar alguns rótulos, seja pela dificuldade de interpretar a letra, ou por esta estar quase apagada, ou ainda, por estar parcialmente oculta pelo material vegetal, houve casos de a fotografia ser de material já fotografado em herbário doador, ficando difícil a interpretação.

Observou-se também a evolução na forma de registro e no nível de detalhamento, assim como a tendência de os registros serem feitos em inglês a partir do século XX, quando antes era registrado em latim. A única exceção são os registros feitos por Adolpho Ducke na década de 1940.

O acesso à coleção do Kew Garden poderá vir a cobrir as lacunas verificadas neste trabalho, assim como enriquecer as informações acerca das espécies, hábitos, ambientes, distribuição, usos e alguns aspectos históricos.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, M. G. L. **Plantas Mediciniais & Fitoterapia**. Belo Horizonte: Faculdade de Farmácia da UFMG, 2003.
- CUNHA, A. G. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. 5ª. ed., São Paulo: Companhia Melhoramentos, Brasília: Universidade de Brasília, 1999.
- DEBRET, J. B. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. São Paulo: Círculo do livro, 2 v., 1989.
- GAGLIOTI, A. L. Urticaceae Juss. no Estado de São Paulo. São Paulo, 2010. **Dissertação** (Mestrado).
- GUERRA, G. A. D.; MENEZES, M. N. A.; MING, L. C. Hermenêutica botânica e antropização na Amazônia: Excisatas de Verbenáceas da Amazônia Legal no herbário do New York Botanical Garden. **Novos Cadernos NAEA**. v.14 (2): 237-264, 2011.
- INSTRUÇÃO para os viajantes e empregados nas colônias sobre a maneira de colher, conservar e remeter os objetos de história natural arranjada pela administração do Museu de História Natural de Paris. Rio de Janeiro: Imprensa Régia. 1819.
- MARCOY, P. **Travels in South America: from the Pacific ocean to the Atlantic ocean**. v.2, New York: Scribner, Armstrong, & Co., 1875.
- PEROTTI, R. T. José Hidasi e os naturalistas no coração “bárbaro” do Brasil. (Dissertação de Mstrado). Goiânia: UFG/IGPA, 2005.
- RIBEIRO, J.E.L.S., HOPKINS, M.J.G., VICENTINI, A., SOTHERS, C.A., COSTA, M.A.S.; BRITO, J.M., SOUZA, M.A.D., MARTINS, L.H.P., LOHMANN, L.G., ASSUNÇÃO, P.A.C.L., PEREIRA, E.C., SILVA, C.F., MESQUITA, M.R., PROCÓPIO, L.C. **Flora da Reserva Ducke: guia de identificação das plantas vasculares de uma floresta de terra firme na Amazônia Central**. Manaus: INPA, 1999.
- SPIX, J. B.; MARTIUS, K. F. von. **Viagem pelo Brasil: 1817-1820**, Belo Horizonte: Itatiaia: EDUSP, v. 1-3, 1981.
- WALLACE, A. R. **Viagens pelo Amazonas e Rio Negro**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.